

Editorial

Viagens para uma antropologia interessante.

Álvaro Campelo

Os artigos que se apresentam neste número da *Antropológicas*, na sua heterogeneidade mostram como pode e deve ser rico o campo de investigação antropológico, em sábias e frutíferas conexões com outros saberes e metodologias.

Os textos colocam desafios axiológicos e epistemológicos. Caberá à antropologia, entre um olhar estético e ético, fugir à conformidade dos poderes estabelecidos, sejam eles sociais, culturais, ou científicos, e relativizar os processos de trabalho e de escolha dos seus objetos de estudo? Haverá na antropologia um espaço aberto, um ‘lugar de possibilidades’, onde a discussão sobre a desarmonia do mundo, tão contrastante, desigual e conflituoso, possa fazer-se na rutura instalada pelo desejo da harmonia, do belo e do bem?

A nível epistemológico, o nosso acervo teórico deixa espaço para perceber a liberdade crítica presente no evento cultural, onde os atores sociais, eles próprios, pensam e agem com a diversidade dos sentidos, e os investigadores se aproximam desse evento com a estranheza necessária para dele, e com ele, poderem partilhar a estranheza, sem a dominar ou limitar? O conhecimento antropológico não busca a psicologia profunda das pessoas, nem estabelece leis definidoras dos comportamentos, escapando, assim, a uma metafísica universalizante. Se há originalidade na metodologia antropológica, e sabemos que a há, ela está numa prática que concilia a observação aproximada ao quotidiano de um ‘outro’ «evenencial», na ordem do sistema e não na ordem do objeto, do fixo ou, com mais justeza, na ordem de um ‘oikos’ mais abrangente referencial, e ao mesmo tempo aberto, com um saber experimentado na comparação das relatividades existenciais, com sentidos ‘jogados’ entre o cognoscível e o incognoscível, o verificável e o suposto. A aproximação, num determinado momento e num determinado lugar, entre a observação e a reflexão, ambas interpretativas, só é possível, porque estão ambas contextualizadas na ordem sistémica, orientada para o conhecimento e não para o objeto em si, isolado. Na ‘ideia sistémica’, o ‘mundo’ a estudar é dado a conhecer nas emergências de unidades elementares, que se relacionam, se confrontam, se contradizem. Mas que adquirem sentido na possibilidade de uma aproximação e conhecimento do ‘real’, sendo este o lugar de manifestação dessas emergências relacionadas (Launy 2018; Varela 1998).

Assim se supera uma visão do mundo como uma acumulação espaço-temporal de unidades elementares. Unidades de alguma forma estáveis, presentes na natureza e disponíveis a revelarem-se na sua objetividade ontológica, para termos a ‘realidade’. Nesta perspetiva, o conhecimento é aceder aos segredos da natureza elementar, formulados em leis, com o fim de acumular os resultados adquiridos (Berman 2001; Atlan 1991). Mas esta epistemologia não era sustentável perante a falência da ilusão da uma objetividade do real. Começa Kuhn (1962) com a constatação da ‘relativa objetividade’ da análise científica dos objetos - o que não significa ser o conhecimento dos objetos apenas uma construção linguística, como propõe a teoria da linguagem, não reconhecendo qualquer ‘exterioridade’ ao ser humanos dos objetos estudados (Rorty 1991). Se assim fosse, o conhecimento era apenas o resultado de um processo tautológico, onde o referente existia como, apenas, um ‘pretexto’ do ato de pensar, e não a sua razão! Se o conhecimento científico ultrapassou a busca do definitivo, ele não pode perseverar se não colocar no centro do seu trabalho um ‘real’ relacional e que, por isso, só se entende como não autónomo. E esse real é «evenencial», ou seja, aquilo que acontece e se pensa num lugar e num tempo que supera a fragmentação e, paralelamente, não é uma ‘coisa’, um objeto, mas, enquanto evento, uma experiência de si mesmo e da mutabilidade no tempo. Se estamos predispostos para os objetos, temos dificuldade de perceber e aceitar o «evenencial». Mas nós acedemos ao ‘real’ não pelo investimento no objeto, mas quando o entendemos dentro do evento. É necessário investir no potencial cognitivo, prático e decisional do evento, enquanto movimento e processo, onde tem possibilidade de ser experienciada a ‘realidade’ de uma totalidade não fragmentada, dentro do fluir da ação.

À ‘realidade’ do evento temos de acrescentar a ‘realidade’ da emoção, porque é no evento que somos afetados. Assim pensava William James sobre as emoções: ter um corpo é ‘aprender a ser afetado’, ou seja, ‘efetuado’, movido, posto em movimento por outras entidades, humanas ou não-humanas. Quem não se envolve nesta aprendizagem fica insensível, mudo, morto. O evento só tem sentido enquanto experienciado pelo corpo, de cuja experiência nasce o conhecimento e a complexidade nas múltiplas apropriações do evento. Aqui, como diz Bruno

Latour (2004, p. 220) “o corpo é um interface que vai ficando mais descritível quando aprende a ser afectado por muitos mais elementos”. É através do corpo que apreendemos o mundo e com ele ficamos sensíveis. E ele vive da ambiguidade (James 1907).

Desta forma, colocamos a originalidade da abordagem antropológica: implica o corpo e a emoção na proximidade e experiência ao evento, com e para o conhecimento de uma realidade fluida, mas perceptível e interpretável. E ela faz-se ciência quando faz desta experiência, constrói um conhecimento raro, interessante, arriscado, no sentido de Bruno de Latour (2004). E isso só acontece quando se colocam as perguntas certas, sendo que estas só surgem quando desencadeiam a desestabilização do ‘programa de investigação’. Estar aberta às surpresas é uma das qualidades da metodologia antropológica, correndo riscos. E se está disposta a correr riscos, a antropologia coloca-se na posição da investigação científica, na medida em tem desafios e resiste ao que está estabilizado. Foge às afirmações redundantes e não fica entusiasmada por estar de acordo com a autoridade científica que propõe a obediência. Antes pelo contrário, não acredita nas conclusões científicas quando elas se satisfazem na solidez da resolução robusta, intocável e definitiva. Deve, por isso, ter a certeza de que só consegue trabalhar seriamente e com interesse, quando aceita a resistência dos humanos a serem tratados como objetos.

Todo o labor antropológico, contextualizado no evento, tem de estar preparado para a dissensão. Quando ela existe (e deve existir sempre, temos é de a perceber e dar espaço à sua manifestação), há a possibilidade de surgir uma voz que antes não tinha lugar para se manifestar. A cesura metodológica abre espaço para o desconhecido e dá oportunidade a um conhecimento já existente. Mas não existe um mundo ‘mudo’ ao qual damos voz; reconhecemos voz a quem foi obrigado a transferi-la para outros palcos, ou a cujos gritos não demos atenção. E esta é a gratificação do trabalho científico: se, depois desse trabalho, a nova realidade surgida tem algo de diferente, entre a experiência anterior e a que se segue à vivência do processo de investigação, ou seja, se no ‘evento’ os sentidos foram questionados e trouxeram para o conhecimento algo de interessante e novo, então valeu a pena a investigação! Se é importante tirarmos algumas conclusões gerais, passíveis de entrarem no campo comparativo, para sustentar confrontações com saberes estabilizados, mais importante ainda é não fechar a porta às possibilidades abertas pela investigação, versões alternativas e desafiadoras (e até desestabilizadoras), difíceis de articular e ainda não integráveis em reflexões comparativas. Isto nada tem de acientífico e perigoso para o rigor da ciência; é a essência da ciência: aceitar os riscos!

Um dos pontos mais sensíveis da investigação antropológica é o papel das emoções na prática de campo, por parte dos cientistas, e nos dados levantados pelos informantes, na forma e conteúdo da experiência de comunicação no acesso posterior ao trabalho produzido. A intenção e as razões da investigação, a sua efetivação, vivendo e experienciando o evento da relação e da prática social, bem como o carácter excecional de disponibilizar o seu quotidiano a estranhos, faz com que certos conteúdos e interações só possam ser entendidos quando é tida em conta a grande carga emocional presente. A emoção está na aproximação, no agenciamento, nas narrativas e na expectativa dos efeitos de tudo isto, no presente da investigação e no futuro dos resultados. E se existe uma relatividade dentro da comunicação das experiências emocionais e nos termos e processos de as viver (Beatty 2014), qualquer investigador percebe que a experiência emocional partilhada no terreno pode envolver todos os presentes e deixar o seu rasto no trabalho produzido. Em vez de olhar para esta consequência como uma ‘poluição’ do distanciamento, é importante vê-la como mais umas das possibilidades para fazer dos resultados da investigação e do trabalho científico uma prova científica de que a antropologia produz dados ‘interessantes’ e surpreendentes, dentro dos riscos que assume de aceitar para a reflexão aquilo que outros colocam nas margens ou nem sequer consideram para análise. Este envolvimento é mais uma prova de que a observação de terreno e a partilha do evento com o ‘outro’ estudado se faz dentro do evento e nele tudo é considerado na abertura à surpresa, porque ela faz parte dele.

Os trabalhos aqui apresentados fazem aproximações a assuntos muito diferentes, mas mostram, nessa heterogeneidade, como o ‘estranho’ e a necessidade de respeitar a diferença cultural colocam desafios ao investigador.

Desde logo o trabalho de José D'Assunção Barros, sobre a coleta da música dos índios brasileiros no século XIX e primeira metade do século XX, nos apresenta como é que a análise e as metodologias de aproximação a essa música mostram mais os interesses europeus, pela releitura interessada que dela faz o colonizador. Este tipo de aproximação e investigação desconstrói os objetivos 'cosificantes' e utilitários da investigação. Caminhando 'entre filtragens' o autor pretende re-localizar esse património cultural, querendo, ao mesmo tempo, dar a singularidade histórica e cultural dessa música, e atribuindo-lhe o devido lugar dentro do património cultural brasileiro, conferindo voz e poder ao saber indígena.

Por sua vez, Mariana Lencastre faz uma viagem pelas linguagens do amor em Luc De Heusch. E aqui é o tal corpo expressivo e atuante, espaço de expressão do amor, que foi estranho muitas vezes à reflexão científica e terapêutica. A emergência deste processo de humanização pela sofisticação e complexidade das expressões amorosas, mesmo paradoxais, revela-se em diferentes âmbitos performativos, entre os quais o êxtase religioso ocupa lugar de destaque. Mariana de Lencastre percorre a experiência de terreno antropológico de Luc De Heusch, desde África até às reflexões que faz posteriormente, para mostrar como certas 'zonas limite da existência humana' são o locus privilegiado para se entender o processo de humanização, a relação entre natureza e cultura, o cada vez maior espaço dado na contemporaneidade aos processos cognitivos. Desde o xamanismo a uma psicologia dos afetos, podemos ver o evoluir da experiência humana e, possivelmente, entender melhor a psicologia contemporânea.

O tema e a metodologia do artigo de Daniel Seabra são uma oportunidade para nos aproximarmos de um campo de trabalho não muito usual na antropologia, do qual o autor tem sido um dos mais significativos cultores e, por isso, incontornável quando queremos conhecê-lo. Falamos de um trabalho resultante de uma longa e profunda investigação de terreno sobre as Claque de Futebol. Se o grosso dessa investigação não está aqui presente, por razões óbvias, neste artigo é-nos oferecida uma abordagem sobre os crimes em contexto futebolístico em claque portuenses e sua legitimação. A associação entre claque e crime é muito frequente na comunicação social e, até, na percepção da maioria das pessoas. No entanto, o trabalho desenvolvido pelo autor mostra-nos como devemos colocar perguntas diferentes para termos dados interessantes, e não a repetição do estabelecido, repetindo o senso comum. Lendo o artigo somos transportados para as vivências quotidianas dos membros das claque, mas somos também confrontados com sentidos e vivências que permitem ter acesso a uma 'voz' frequentemente ausente. É esse o trabalho da antropologia e o objetivo de uma ciência interessante!

No fim de contas, desde as comunidades índias do Brasil, passando pelo mundo africano e o confronto europeu, até aos espaços dos estádios de futebol, o que temos é essa extraordinária cultura humana, sempre surpreendente, entre o estranho e o familiar.

Bibliografia

- Atlan, H. (1991). *Con razón y sin ella*. Barcelona: Tusquets Editores.
- Beatty, A. (2014). Anthropology and Emotion. *Journal of the Royal Anthropological Institute* 20(4): pp. 545-563.
- Berman M. (2001). *El reencantamiento del mundo*. Santiago: Cuatro Vientos Editorial.
- James, W. (1975 [1907]). *Pragmatism: A New Name for some Old Ways of Thinking*, Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Khun T. (1962). *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: University of Chicago Press.
- Latour, B. (2004). How to Talk about the Body? The Normative Dimension of Science Studies. *Body and Society* 10(2-3): 205-229.
- Launy, J. (2018), "Brain and Culture". In H. Callan (ed.), *The International Encyclopedia of Anthropology*, Londres, John Wiley & Sons, pp. 1-9.
- Rorty, R. (1991). *Objetividad, relativismo y verdad*. Barcelona: Paidós.
- Varela, F. (1998). *Conocer. Las ciencias cognitivas: tendencias y perspectivas. Cartografía de las ideas actuales*. Barcelona: Gedisa Editores.